

Resenha

* Mestre em História
pela Universidade
Federal de Santa
Catarina e
Coordenadora do
Curso de História da
Universidade do Vale
do Itajaí – UNIVALI.
É doutoranda em
Educação pela
UNICAMP.

Correspondência:
Address:

Rua Antonio
Zimmermann, 20.
Bairro Tapera - Praia
do Jaques. CEP:
88380-000. Piçarras,
SC

E-mail:
raquelvenera@univali.br

O MÉTODO INDICIÁRIO: uma resenha da obra de Ginzburg e reflexões acerca de sua crítica à obra de Foucault

Raquel Alvarenga Sena Venera*

Para o leitor que conhece o texto de Ginzburg “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”¹, a obra *O queijo e os vermes*² passa a ser a delícia de uma leitura contemplativa do próprio método indiciário. O historiador conta uma história, quase de forma literária, sobre um camponês moleiro e leitor que se nega a silenciar seus pensamentos sobre a igreja, Deus e o gênese. Vale destacar o estilo da escrita e o gênero textual. Apesar de ser um texto historiográfico, comprometido com a problematização das fontes históricas, ele o escreve literariamente e com um potencial de envolvimento do leitor que encanta.

Nas últimas páginas são apresentadas as notas – local que reflete um esmerado trabalho de análise e cruzamento de fontes. Dados que poderiam ser explicados no texto, considerando a importância deles em um trabalho historiográfico, mas roubariam a fluidez que o texto apresenta. Ginzburg apresenta a história de Domenico Melchiori, um moleiro, pai de família e leitor de livros e folhetins permitidos e não permitidos pela igreja, e, apesar de se dizer paupérrimo, não era tanto quanto dizia. Conhecido popularmente por Menocchio, viveu em Montereale, no Vale Friuli, no século XVI, pensava e dividia com seus amigos, vizinhos da aldeia seus pensamentos religiosos. Foi delatado anonimamente e investigado pelo Santo Ofício. Apresenta o contexto do Vale Friuli no século XVI, privilegiando dois fatores: as tensões da reforma e o desenvolvimento da imprensa.

Artigo recebido em:
01/12/2005
Aprovado em:
03/03/2006

Seguindo pistas sobre o camponês, o autor mapeia possíveis ligações dele com “grupos religiosos” perseguidos pela igreja. Ao analisar sinais do pensamento luterano, anabatistas e outros grupos, salienta a importância da duração da tradição oral (muitas delas pagãs) a ser considerada nas falas de Menocchio. Em outra frente de investigação de sinais nas fontes históricas estudadas, mapeia possíveis leituras de Menocchio. Analisa, detalhadamente, as obras, confrontando-as com as falas de Menocchio, considerando suas interpretações a partir da tradição oral camponesa, além do contexto da fala. Para além do que foi lido, importa para o historiador o como foi lido. Em suas falas são identificadas: a vontade de falar para pessoas que (ele achava) poderiam entender melhor suas idéias; as possíveis leituras e interpretações dessas leituras; traços da cultura popular pagã, identificados na tradição oral do período histórico analisado; traços da própria doutrina cristã católica ortodoxa. Além de analisar a fala de Menocchio, analisa também uma carta, escrita na prisão. A riqueza da estrutura textual, a organização das idéias e o poder argumentativo da carta foram apenas alguns índices que sinalizaram para uma difusão cultural que Ginzburg perseguia em sua pesquisa. O historiador revela uma construção de idéias imagética e fantástica nas falas do moleiro, um raciocínio próprio e uma lógica brilhante que rejeita e questiona os dogmas religiosos. Menocchio não aceita uma história que apresenta o filho de Deus morto crucificado, uma mulher que pari um filho e continua virgem, um mundo onde existem vários povos e uma só crença verdadeira e superior. Para questionar tudo isso, ele descreve uma teoria do caos para o gênese, utilizando metáforas do seu cotidiano camponês, defende uma tolerância com outras religiões, utilizando uma antiga lenda, afirma que o amor ao próximo é mais necessário que o amor a Deus, subverte a ordem católica, blasfema, transgride, insulta. Suas analogias vão desde os queijos, vermes, mulheres que parem, lendas, até o caos, o mundo novo, memória e intelecto. Menocchio impressiona até o pesquisador quando esse se interroga: “Dois espíritos, sete almas e um corpo composto pelos quatro elementos: como pudera sair da cabeça de Menocchio uma antropologia tão abstrusa e complicada?”(p.149) Envolvido pelo desenrolar da história, o leitor tem acesso ao veredicto do Santo Ofício apenas na última página do livro, como nas histórias literárias. O autor não se esquivava do local da História ao terminar o livro com a frase: “Sabemos muita coisa sobre Menocchio. De Marcatto ou Marco – e de tantos outros como ele, que viveram e

morreram sem deixar rastros nada sabemos” (p.233). Desta forma, reforça o método indiciário e o compromisso de contar a história de pessoas envolvidas na cultura popular. Apesar de existirem poucas fontes sobre pessoas comuns é possível seguir os poucos rastros deixados por elas. A obra apresenta uma leitura acessível a todos os leitores interessados na cultura popular, historiadores e intelectuais das Ciências Humanas, sendo um valoroso trabalho de investigação e tratamento de fontes históricas.

Ginzburg e Foucault: diferenças de método

Quando Ginzburg escreveu o prefácio à edição italiana, da obra *O queijo e os vermes*, dedicou parte de seu texto a uma crítica severa ao trabalho de Michael Foucault, especialmente no livro *Eu Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Pierre Rivière, assim como Menocchio, era camponês e tinha contas a prestar com a justiça. Renato Janine Ribeiro, no posfácio da edição brasileira da mesma obra, cita superficialmente a relação dos dois trabalhos e faz uma pequena defesa a Ginzburg pela forma como esse lida com a diferença de Menocchio. Se por um lado à obra *O queijo e os vermes* é uma leitura contemplativa do método indiciário, defendido pelo autor, a obra *Eu Pierre Rivière...* apresenta um pouco do trabalho que Foucault estava, naquele período, desenvolvendo nos presídios (GIP) e reflete também seu trabalho em *Arqueologia do saber*. Aquele trabalho propunha dar voz aos criminosos, ao que Ginzburg criticou afirmando que ele silenciou Rivière, “transformou-se em silêncio puro e simples – por vezes acompanhado de uma muda contemplação estatizante”. Dependendo do ângulo que se olha, Ginzburg, ao construir mais um discurso sobre Menocchio, o enquadrando em discursos ou da cultura popular ou erudita ou na tradição oral, aprisionando sua voz. Se por um lado é cuidadoso o mapeamento das leituras de Menocchio, por outro, Ginzburg não aceita a possibilidade de singularidade e diferença do camponês. Ele está preocupado a todo o momento em mapear onde está a difusão cultural que pode ter feito Menocchio pensar e falar dessa ou daquela maneira. A frase de Menocchio “saiu da minha própria cabeça” não lhe foi pista. Ela foi dissolvida diante

da hipótese de uma difusão cultural entre cultura popular camponesa e cultura erudita, generalizada na Europa pré-industrial. Sob essa perspectiva, os contextos apresentados por Ginzburg – a reforma e a difusão da imprensa – são utilizados não como com-texto, mas como pré-texto sobre a difusão da cultura representada no personagem Menocchio.

Voltemos ao paradigma indiciário. Quando o pesquisador persegue pistas, detalhes, sinais que representam uma verdade sobre o objeto pesquisado, ele acredita que a verdade pode ser desvelada. Isso é o ponto de partida do pesquisador. Ginzburg parte dos sinais e através deles apropria-se do real. Foucault tem nos sinais um real, e várias possibilidades de realidades que podem ser construídas e, no caso Rivière, ele se negou propositalmente a construir mais uma realidade. Para Ginzburg, os sinais são signos e possuem significados dentro da categoria em que ele está trabalhando, pode ser a classe ou a cultura. Para Foucault, os sinais são significantes que podem possuir inúmeros significados, assim como inúmeras interpretações, considerando o artefato cultural em que são produzidos.

O próprio pesquisador, ao escolher seu objeto, vê refletido nele seu próprio desejo, sua própria carne. Desta forma, podemos observar nas análises de Ginzburg no texto “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, que para Giovanni Morelli, médico, o que lhe chama atenção no objeto em que pesquisa são os sinais anatômicos, o mesmo acontece com Conan Doyle, médico, que atribui a Sherlock Holmes a arte de perseguir pistas, quase sempre anatômicas e, não muito diferente em Freud, médico, que segue pistas sintomáticas para desvelar o inconsciente. Quais pistas interessam ao pesquisador? O que o pesquisador é capaz de ver? O que é suportável para se ver, uma vez que a pesquisa do objeto revela muito de si mesmo? Como é constituído seu campo de visão?

Quando Ginzburg escreveu a história de Menocchio ele estava envolvido em um longo trabalho sobre disseminação cultural. Seus olhos foram capazes de ver pistas na cultura popular e erudita do século XVI. Menocchio confirmou sua tese. Quanto a Foucault, ele desenvolveu um pensamento sobre redes discursivas e construção de sujeitos nessas redes. Em todo seu trabalho, também se preocupa com os sinais, pistas, detalhe perspicaz, porém, não lhes dá um atributo representacional da verdade. A pista, o sinal, o detalhe, para Foucault é uma verdade, produzida na rede discursiva e não um reflexo dela. Quando trabalhava com os prisioneiros reivindicava a voz dos prisioneiros, em detrimento dos sujeitos que as

ciências jurídicas e outras ciências que a permeavam, construía. O objetivo de publicar o livro foi mostrar como o discurso jurídico construiu um Rivière criminoso, a psiquiatria um Rivière louco e ao falar sobre si, ora incorporava esses discursos, ora se apresentava como camponês justiceiro. Ora, se o projeto era esse, e se Foucault se esmerasse procurando pistas que lhe encaminhassem a verdade sobre Rivière, estaria ele inventando mais um Rivière e estaria com o seu projeto arruinado. Por outro lado, Rivière também confirmou sua tese sobre as redes discursivas. Ginzburg preocupado com a fala, Foucault preocupado com silêncio.

Ginzburg acusa Foucault de se negar a interpretar Rivière, sob o pretexto de respeitar a diferença de sua cultura. Para um leitor atento, essa acusação soa como injustiça. Foucault esteve em todas as suas obras desconstruindo os conceitos e categorias generalizantes, tais como cultura popular, erudita, classe etc. Esse era o olhar de Foucault. Ele não poderia ou se recusava ver as pistas determinadas nessas categorias. Temos um trabalho construído por um historiador (Ginzburg) e outro trabalho construído por um filósofo da História (Foucault). Temos projetos diferentes, metodologias diferentes e, por consequência, produtos diferentes.

Notas

¹ GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____ *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e História. Tradução Federico Corotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p.143-179.

² GINZBURG, C. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

